

## ELEIÇÕES

## Disputa em São Paulo reproduz briga federal

Apoios a Boulos, Tabata e Nunes têm tudo para repetir o quadro nacional de 2022

» VINICIUS DORIA  
» HENRIQUE LESSA

A eleição municipal deste ano será diferente para os paulistanos. Antes com a presença certa e histórica de um representante do PSDB, desta vez a disputa tem tudo para ser entre um prefeito pouco conhecido, Ricardo Nunes (MDB), e dois jovens deputados federais, Guilherme Boulos (PSol-SP) e Tabata Amaral (PSB-SP). As negociações entre as legendas apontam que os três nomes devem aglutinar os principais partidos na corrida pelo comando da maior cidade do país.

O PT do presidente Luiz Inácio Lula da Silva aposta, com a volta da ex-prefeita Marta Suplicy à legenda, em ter o nome

dela como vice de Boulos. Ainda muito popular nas periferias paulistanas, a ex-senadora deve colaborar com a candidatura do PSol — que tem liderado as pesquisas de opinião.

Mesmo com o potencial da chapa PSol-PT, o “fogo amigo” tem pipocado nas duas legendas. Luiza Erundina, companheira de chapa de Boulos em 2020, criticou a aproximação de Marta, a quem já chamou de “traidora”. Entre os petistas, o deputado estadual Eduardo Suplicy — ex-marido de Marta — chegou a pedir a realização de prévias para a escolha do nome do vice, questão rapidamente contornada pela direção nacional da legenda e por Lula.

O presidente, aliás, vem dançando demonstrações de que pode

ter uma agenda mais frequente na capital paulista. Hoje, no aniversário da cidade, estará presente, mas não deve participar das comemorações da data, encabeçadas por Nunes e pelo governador Tarcísio de Freitas (Republicanos). Sem encontros políticos na agenda oficial, Lula e Fernando Haddad devem comparecer a uma cerimônia dos 90 anos da Universidade de São Paulo (USP) — da qual o ministro da Fazenda é professor licenciado.

A disputa em São Paulo terá forte nacionalização, pois se Boulos contará com o apoio de Lula, Nunes contará com o apoio de Tarcísio e, provavelmente, do ex-presidente Jair Bolsonaro. Com a caneta e a chave do cofre, tentará a reeleição para o cargo

que herdou com a morte de Bruno Covas (PSDB). Ele vem costurando apoios no campo conservador e flertando com o bolsonarismo.

Apostando em Tarcísio como principal cabo eleitoral, Nunes tem participado de um roteiro de inaugurações, tanto de obras estaduais quanto municipais. Na segunda-feira, em um evento de entrega de moradias populares, o governador afirmou que o prefeito “é a melhor opção para a cidade”.

Os dois mimetizam o antipetismo na capital paulista, apesar de Bolsonaro ainda não ter declarado apoio a Nunes. O ex-presidente é considerado peça fundamental na costura do que Tarcísio de Freitas chama de “frente ampla” de apoio a Nunes.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

Luizazedo.df@dabr.com.br



## Pleito paulistano tem potencial de desagregar o governo

O envolvimento direto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do ex-presidente Jair Bolsonaro nas eleições para a Prefeitura de São Paulo é o epicentro de um realinhamento de forças políticas nas eleições municipais de consequências imprevisíveis. Até agora, Lula está se saindo melhor, com a refiliação de Marta Suplicy ao PT e sua indicação para a vice de Guilherme Boulos (PSol), o candidato de esquerda que lidera as pesquisas. Com isso, o candidato de Lula amplia suas possibilidades eleitorais em direção às periferias paulistas, onde a ex-prefeita é popular, e a sua capacidade de interlocução com a elite de São Paulo, da qual ela faz parte.

Na cidade de São Paulo, Lula venceu as eleições contra Bolsonaro. Obteve 3.677.921 votos, o que corresponde a 53,54% dos votos válidos, ante 3.191.484 votos — ou seja, 46,46% dos votos válidos do ex-presidente. Natural, portanto, que o prefeito Ricardo Nunes (MDB) busque o apoio da extrema direita, não apenas por intermédio do governador Tarcísio de Freitas (PR), mas com o engajamento direto do ex-presidente na sua campanha.

Essa é a condição para que o PL de Valdemar Costa Neto não lance a candidatura do deputado Ricardo Sales, um bolsonarista-raiz, bem-posicionado na pesquisa e que também pode, em acordo, trocar de legenda para ser candidato, se o atual prefeito já tiver batido no seu teto eleitoral. Bolsonaro jogaria com pau de dois bicos.

Entretanto, há que se observar a direção em que Lula e Bolsonaro se movimentam. Ao se engajar diretamente na disputa paulistana, o presidente dá uma guinada à esquerda na sua política de alianças, que se estreita na capital paulista como uma espécie de “frente popular”. Ou seja, não é a “frente de esquerda” do primeiro turno das eleições presidenciais, porque o PSB, aliado de primeira hora nas eleições passadas, manteve a candidatura da jovem deputada Tabata Amaral (SP), que será lançada hoje, com o apoio do prefeito do Recife, João Henrique Campos, do vice-presidente Geraldo Alckmin, do ex-governador Márcio França, ambos ministros de Lula, e do comunicador José Luiz Datena, cotado para ser vice.

Por incrível que pareça, quem está se deslocando em direção ao centro, para sair do isolamento, é Bolsonaro. Seu apoio à candidatura de Nunes atrai para seu campo de alianças o presidente do MDB, Baleia Rossi (SP), e o ex-presidente Michel Temer. Obviamente, com o terceiro orçamento do país, Nunes é um dos polos de atração das lideranças políticas tradicionais, tendo o apoio da maioria dos vereadores paulistanos. O outro é Tarcísio de Freitas, que controla o segundo orçamento do país, com apoio de uma velha raposa da política paulista, o ex-prefeito Gilberto Kassab, presidente do PSD, articulador dessa aliança.

Lula pretende se engajar diretamente na campanha da chapa Boulos-Marta, embora isso gere fricções nas relações com o MDB e o PSB. A ministra Simone Tebet (MDB) e Alckmin fazem cara de paisagem, mas não vão de Boulos — irão de Nunes e Tabata, respectivamente. Ou seja, a “frente ampla” do segundo turno das eleições presidenciais se fragmentou em São Paulo, como estava escrito nas estrelas desde quando Lula, no primeiro turno das eleições presidenciais, se comprometeu a apoiar Boulos.

## A “calcificação”

Lula venceu as eleições por pequena margem, com 50,09% dos votos válidos, contra 49,01% de Bolsonaro, graças ao apoio dos setores do centro democrático aglutinados em torno de Simone Tebet, no primeiro turno. Nesse sentido, a chamada “calcificação” da polarização entre ambos é um fator de risco. São muitos os sinais de que o presidente pode perder o apoio desses setores do centro democrático.

Segundo o historiador Alberto Aggio, professor titular de História da América Latina na UNESP-Franca (SP), no artigo *Uma democracia calcificada?*, publicado na revista *Será?*, de 19 de janeiro, em Recife, o atual governo não é de união nacional nem de frente ampla, porque não incorporou aliados como Alckmin e Simone ao núcleo do poder. É fruto de um arranjo eleitoral agora ameaçado.

“O que se sobrepôs foi um governo identificado, sobretudo, com a figura de Lula, imerso nos escombros do ‘presidencialismo de coalizão’ e sem aliados leais, inteiramente submetido aos ditames e às inevitáveis — além de imponderáveis — negociações com os partidos do chamado Centrão, que dominam o Congresso.”

Isso ocorre num processo de “transformações societárias” em que o Brasil ultrapassou a possibilidade de representação da política a partir do critério de classes. “A sociedade do empreendimento individual expandiu-se, em todos os planos, de cima a baixo, colocando a democracia frente ao dilema ‘decifra-me ou te devoro’”, destaca Aggio.

Trocando em miúdos, a política classista que orienta a ação de Lula e do PT enfrenta dificuldades profundas nessa nova sociedade, para além da correlação de forças políticas no Congresso. A hegemonia governista não depende só do poder, mas da liderança da sociedade. A disputa de São Paulo reflete essas contradições.

Divulgação



Nunes espera ser turbinado por Bolsonaro

Mario Agra/Camara dos Deputados



Tabata: de olho nos eleitores de centro

Zeca Ribeiro/Camara dos Deputados



Boulos conta com a força de Lula na capital

## Tabata aproveita aniversário e se lança

O PSB desembarca, hoje, em peso, na capital paulista, que comemora 470 anos de fundação. A data foi a escolhida pela deputada federal Tabata Amaral (SP) para apresentar sua pré-candidatura à Prefeitura de São Paulo. A parlamentar escolheu a própria casa em que cresceu — e onde mora a mãe dela até hoje —, na Vila Missionária (zona sul), para fazer a festa de lançamento, que contará com a presença do ministro do Empreendedorismo, Márcio França, e do apresentador José Luiz Datena, cotado para ser vice na chapa. O vice-presidente Geraldo Alckmin fará uma saudação à pré-candidata por vídeo.

A entrada de Tabata na disputa

fará com que Alckmin e Lula subam em palanques distintos. Diferentes também serão as estratégias dos seus respectivos candidatos. Alckmin, em entrevista ao portal UOL, ontem, disse que apoios como o do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ou de seu antecessor, Jair Bolsonaro, “ajudam, mas não são decisivos”, minimizando a possibilidade de a eleição paulistana reeditar a polarização entre os dois eleitorados em torno dos nomes de Guilherme Boulos e Ricardo Nunes. Ele aposta que Tabata tem potencial para quebrar essa polarização.

A divisão do eleitorado não interessa aos articuladores da campanha da deputada, que espera ser

uma espécie de terceira via nas urnas. O temor é que, na reta final, ela acabe escanteada, tanto pelo eleitor antipetista quanto pelo antipetista, que tenderiam a migrar para as candidaturas de Nunes ou de Boulos, respectivamente.

Outro problema para o PSB é a falta de um arco de alianças que amplie o potencial eleitoral de Tabata. Com pouco espaço de manobra para montar uma base mais robusta, o PSB tenta evitar, pelo menos, que os tucanos voem para o lado de Nunes. Apesar de Datena ser um dos mais cotados para vice na chapa, a própria pré-candidata vem conversando, desde o ano passado, com lideranças tucanas sobre a

possibilidade de aliança com o PSDB. As conversas se dão, principalmente, com políticos ligados a Alckmin, que foi governador do estado pelo partido.

A proposta de coligação com os tucanos foi feita pela própria Tabata, em novembro de 2023, ao presidente do PSDB municipal, Orlando Faria. Na época, não se falou na candidatura de vice-prefeito, mas segue em aberto. Datena, que deixou o PDT para se filiar ao PSB, continua sendo o sonho de consumo dos socialistas, mas poucos acreditam que ele levará a ideia adiante. O apresentador se anunciou pré-candidato outras vezes a diversos cargos, mas nunca levou adiante. (VD)

## Para a consideração do eleitor

## O que cada um tem a favor

## Nunes

É o atual prefeito, tem a chave do cofre e a caneta na mão; Conta com amplo leque de partidos aliados de centro e de direita; Tem o apoio do governador Tarcísio de Freitas e, possivelmente, do ex-presidente Jair Bolsonaro.

## Boulos

Foi o deputado federal mais votado em São Paulo, em 2022;

Conta com o apoio do PT e do presidente Lula; Tem o apoio de legendas de esquerda e de movimentos sociais influentes, como o MTST, que ajudou a fundar.

## Tabata

Jovem, mulher e oriunda da periferia paulistana, cultiva a imagem de renovação na política; É defensora do ensino público e gratuito, que a levou para uma das mais renomadas universidades do mundo; Tem o apoio de Geraldo Alckmin

e a simpatia de uma ala do PSDB ligada ao vice-presidente.

## O que cada um tem contra

## Nunes

Pouco conhecido do eleitorado; Pouco tempo à frente da prefeitura (menos de três anos) para deixar uma marca; Não é um líder político-partidário, depende de apoios.

## Boulos

É associado ao radicalismo de esquerda pela influência

que exerce no MTST e outros movimentos sociais; Não tem experiência na administração pública; Tem pouco diálogo com o empresariado e segmentos conservadores da sociedade.

## Tabata

Não tem experiência na administração pública; Pouco espaço para montar alianças partidárias; Entre os principais candidatos, é a que terá o menor orçamento para a campanha